

A memória do dizer em sujeitos com gagueira: uma análise discursiva em Grupo de Extensão/Apoio

The memory of saying in subjects with stuttering:
a discursive analysis in an Extension/Support Group

 Claudemir dos Santos Silva

 Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo

Resumo: Sob o ponto de vista discursivo, a memória é social, regularização de sentidos. Na prática, materializa diferentes funcionamentos discursivos em vários contextos. Nesses espaços, os sujeitos com gagueira estão inseridos em diversos grupos sociais, enfrentam situações e compartilham suas conquistas. Logo, o estudo da visão discursiva para sujeitos com gagueira, em Grupo de extensão/apoio, prioriza o funcionamento da linguagem. Diante disso, este artigo tenciona identificar elementos da memória do dizer nos processos discursivos de sujeitos com gagueira em grupo. Assim, o nosso trabalho, enquanto um recorte da tese de doutorado, aplicou-se em grupo de extensão/apoio. Portanto, debruçamo-nos em relação ao estudo da gagueira sob a perspectiva discursiva, uma vez que o sujeito em sua amplitude, a lin-

Claudemir dos Santos Silva. Doutor em Ciências da Linguagem (PPGCL/UNICAP); Professor Substituto de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Pernambuco, Campus Ipojuca (IFPE/EBTT); E-mail: claudemirsilva711@gmail.com;

Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo. Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Professora/Pesquisadora Adjunto IV, atuando na graduação em Fonoaudiologia e no Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL/UNICAP); E-mail: nadiaazevedo@gmail.com

guagem, a ideologia, a história e os sentidos devem ser pensados em movimento. Utilizamos, como marco teórico-metodológico, a Análise do Discurso (AD), fundada por Michel de Pêcheux, na França e, no Brasil, por Eni Orlandi e seguidores. Com isso, a análise do *corpus* dos dois participantes do grupo foi realizada, tendo em vista as concepções teórico-metodológicas da AD. Ao final, observamos o quanto os encontros foram fundamentais para o processo de interação entre os participantes do grupo, pois a gagueira é apenas um momento da fala.

Palavras-chave: Sujeitos. Gagueira. Memória do dizer. Discursos. Grupo de Extensão/Apoio.

Abstract: From a discursive point of view, memory is social and regularizes meanings. In practice, it materializes different discursive workings in various contexts. In these spaces, people with stuttering are part of various social groups, face situations and share their achievements. Therefore, the study of the discursive vision for subjects with stuttering, in an outreach/support group, prioritizes the functioning of language. In view of this, this article aims to identify elements of the memory of saying in the discursive processes of subjects with stuttering in a group. Thus, our work, as a section of the doctoral thesis, was applied to an outreach/support group. We therefore looked at the study of stuttering from a discursive perspective, since the subject as a whole, language, ideology, history and meanings must be thought of in movement. As a theoretical-methodological framework, we used Discourse Analysis (DA), founded by Michel de Pêcheux in France and, in Brazil, by Eni Orlandi and her followers. As a result, the corpus of the two group participants was analyzed, taking into account the theoretical-methodological conceptions of DA. In the end, we observed how fundamental the meetings were for the process of interaction between the group participants, since stuttering is just one moment of speech.

Keywords: Subjects. Stuttering. Memory of saying. Discourses. Extension/Support Group.

Introdução

Os seres humanos enquanto sujeitos históricos, sociais e ideológicos, nascem, crescem e, por fim, morrem; sempre inseridos em grupos familiares, escolares, religiosos e profissionais. Assim sendo, é nesses grupos, que os sujeitos “atravessarão experiências de alegria e tristeza, saúde e doença, sucesso e fracasso, podendo, inclusive, obter as mudanças desejáveis” (Bechelli; Santos, 2005, p. 250). À vista disso, as condições de produção, tendo em vista o funcionamento discursivo, determinam o desempenho e a caracterização do discurso dos sujeitos, em sua relação de forças, sentidos e a antecipação. Inicialmente, a relação de forças, trata-se da situação em que os interlocutores exercem seus lugares sociais, ocupando sua posição relativa no discurso. Já a relação de sentidos, delimita-se a circunscrever que os nossos dizeres têm relação com outros discursos, pois isso faz parte dos efeitos de sentido no processo de discursivização. A *posteriori*, a antecipação, trata-se da capacidade que os sujeitos têm de representar a ele mesmo e ao outro no discurso.

Nessas circunstâncias, o interdiscurso enquanto o conjunto total de todos os sentidos, possíveis e imagináveis, traz à tona a memória do dizer social, um recorte de cada/determinada Formação discursiva (FD), daquele interdiscurso, pois se trata daquilo que constituímos uns dos outros. Portanto, ao produzir seu discurso, o sujeito o realiza sob o regime da repetibilidade. Contudo, o faz afetado pelo esquecimento, na crença de ser a origem daquele saber (Indursky, 2011). Nesse enredo, ao atentarmos para os estudos em relação a análise discursiva dos sujeitos com gagueira, cada vez mais, constatamos a importância do trabalho em grupo, onde se desenvolvem diferentes tipos: com crianças,

pais, famílias, idosos, gêmeos, hipertensos etc. É necessário, portanto, segundo Friedman e Passos (2007) que a formação desses grupos se fundamente em concepções que permitam a focalização pretendida e a obtenção de resultados compatíveis com objetivos previamente delineados¹, que, sem negar as próprias bases etiológicas, sintomatológicas e terapêuticas, constitua abordagens próprias para a operacionalização de grupos. Com efeitos, “o grupo ressalta o papel do outro e facilita a expressão de alterações de linguagem, ao mesmo tempo em que pede intervenção do terapeuta para proporcionar mudanças de funcionamento linguístico”. Sobretudo, “a configuração do grupo pressupõe que os sujeitos assumam uma posição de interlocutores uns dos outros e, sendo assim, a condição de sujeitos na dinâmica do grupo” (Machado *et al*, 2007, p.63).

Diante disso, é necessário percebermos que nos estudos da gagueira, há tratados que se concentram nos aspectos biológicos, neurológicos e genéticos, determinando-a como uma patologia sem cura. Em contrapartida, existem postulações que veem os sujeitos em sua amplitude, não deixando de considerar a sua linguagem. Entretanto, debruçamo-nos em relação ao estudo da gagueira sob a perspectiva discursiva, uma vez que o sujeito, a linguagem, a ideologia, a história e os sentidos devem ser pensados em movimento. Nessa tessitura, circunscrevemos este trabalho, versará especificamente, dando atenção à saúde e educação. Propomos o estudo da gagueira sob o prisma discursivo, em grupo de extensão/apoio, “que inclui, necessariamente, o sujeito e a linguagem em sua abordagem e vê a gagueira como um lugar de subjetivação discursiva” (Azevedo, 2000, p.118). Portanto, não

1. Esta clínica é aquela que vai além da patologia para considerar o sujeito em suas manifestações de linguagem, em sua posição no mundo, em sua maneira de se relacionar com os outros (Friedman; Passos, 2007).

trata a gagueira como uma doença passível de cura. Mas, ao contrário, compreendemo-la como um distúrbio da ordem do discurso, como já dito, apresentando uma relação direta com os interlocutores, suas formações imaginárias (Fim), atreladas às condições de produção (CP), em suas relações de força, sentido e antecipação. Na prática, caracterizada pela ocorrência da repetição de sons, sílabas, palavras ou frases, hesitações, prolongamentos de fonemas e/ou bloqueios tensos de sons (Azevedo, 2000; 2006; 2015; Petrusk, 2013; Cavalcanti, 2016; Silva, 2016; 2017; 2019; 2021).

Ao entendermos isso, este artigo tenciona identificar elementos da memória do dizer nos processos discursivos de sujeitos com gagueira em grupo. O nosso trabalho, enquanto um recorte da tese de doutorado, aplicou-se no Grupo de Estudos e Atendimento à Gagueira (GEAG/UNICAP). Utilizamos, como marco teórico-metodológico, a Análise do Discurso (AD), fundada por Michel de Pêcheux, na França e, no Brasil, por Eni Orlandi e seguidores. Com isso, a análise do *corpus* dos dois sujeitos/participantes do grupo foi realizada, tendo em vista as concepções teórico-metodológicas da AD. Sendo assim, a memória do dizer social mobiliza discursos que constituímos uns dos outros, como resultado de discursivizações das formações imaginárias. Logo, a memória, de que se ocupa a AD não é de natureza cognitiva, nem psicologizante. Ao final, observamos o quanto as reuniões/encontros foram fundamentais para o processo de interação entre os sujeitos/participantes do GEAG/UNICAP, pois a gagueira é apenas um momento da fala.

Nesse contexto, o presente trabalho está estruturado da seguinte forma: inicialmente, temos as considerações iniciais que a apresenta o trabalho ao leitor, justificando-o, marcando problematizações e objetivo. Em seguida, situamos, brevemente, algumas considerações sobre a fundação e estudos desenvolvidos no Grupo de Estudos e Atendimen-

to à Gagueira (GEAG) na UNICAP. Posteriormente, discutimos a concepção de memória discursiva e/ou interdiscurso (memória social): designações teóricas, enquanto teoria e procedimento analítico deste trabalho. Logo após, apresentamos a Gagueira sob a perspectiva discursiva: uma relação direta com as condições de produção do discurso (CP) dos sujeitos. *A posteriori*, evidenciamos o percurso metodológico do trabalho. Junto a isso, trazemos à discussão do *corpus* discursivo dos sujeitos/participantes do GEAG/UNICAP. E, por último, materializamos as considerações finais.

O Grupo de Estudos e Atendimento à Gagueira (GEAG) na UNICAP: “... a arte de viver e conviver”

A preocupação em se estudar grupos, em especial nas ciências humanas e da saúde, segundo Souza *et al* (2011), tomou força com o surgimento das grandes crises mundiais, época em que se tornou fundamental trabalhar com grupos, diante da escassez de agentes de saúde. Hoje, “além de possibilitar o atendimento de grandes demandas em serviços públicos, o grupo tem sua importância reconhecida na determinação do comportamento individual” (Souza *et al*, 2011, p. 140). Sob a mesma perspectiva, Friedman e Passos (2007, p.143) esclarecem que as concepções de grupo, de coletivo, de equipe, estão na ordem do dia. Entretanto, para que haja formação e desenvolvimento de grupos, Lucena *et al* (2018), chamam-nos a atenção, “para a importância de conhecer os diferentes papéis ocupados pelos seus atores/componentes para a geração de mudanças que ressignificam e levam a uma vida mais saudável” (Lucena *et al*, 2018, p. 124). Nesse contexto, torna-se relevante dizermos, segundo Friedman e Passos (2007) que há uma distinção entre grupo e agrupamento. De maneira que,

“o primeiro passa a existir a partir do momento em que as pessoas constroem uma representação interna de si e dos demais membros do grupo, passando a fazer parte do grupo interno de cada um”. Já o segundo, “está resumido e constitui-se, tão somente, por um conjunto de pessoas que convivem partilhando de um mesmo espaço” (Friedman; Passos, 2007, p.143).

Diante disso, a partir da assistência fonoaudiológica, integrante do programa social da UNICAP, constitui-se em atendimento institucionalizado, com funcionamento regular, desde 1981, como a primeira clínica-escola norte e nordeste do Brasil. Além dos serviços assistenciais, tal espaço tem se destacado por ser um ambiente voltado à pesquisa e ao desenvolvimento científico. Sendo, portanto, realizadas, frequentemente, pesquisas de alunos concluintes da graduação, além de estudos vinculados ao programa de base para a Iniciação Científica (Pibic-Católica) e aos cursos de pós-graduação *Lato e Stricto Sensu*, da Fonoaudiologia, Letras e de áreas afins (Azevedo, 2018b). À vista disso, esses estudos apontaram para a necessidade da criação de um grupo de extensão/apoio e, assim, formalizar um espaço de pesquisa e interação, que já se encontrava em funcionamento, embora em fase experimental, desde o segundo semestre de 2007. Todos esses resultados, então, levaram a UNICAP, através do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL), e da graduação em Fonoaudiologia e Letras a desenvolverem pesquisas multidisciplinares, com destaque para a comunicação destinada a pessoas com alterações de linguagem, a saber, a gagueira, procurando preservar a indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão, norteadora das ações da comunidade universitária, num esforço continuado em busca da melhor qualidade (Azevedo, 2018b).

Com toda certeza, “a integração entre ensino-pesquisa-extensão favorece a ampliação do trabalho acadêmico e aproxima a universidade da sociedade, além de ampliar o senso crítico e destacar o lado social da prática acadêmica” (Silva; Resende, 2017, p. 37). Assim sendo, o GEAG² é fundado no 2º semestre de 2007, tendo como objetivo principal: promover um espaço de extensão, pesquisa e ensino, concernente à gagueira, por meio da formação de um grupo para apoiar a *sujeitos-gagos*, tal expressão com hífen, como já marcado, anteriormente, é porque compreendemos que ele (o *sujeito-gago*) foi constituído ideologicamente, assumindo uma *imagem de mal falante*, ainda na infância, e está nessa FD de *sujeito-gago*. Nesse sentido, a criação do GEAG, visa, especificamente, a promover a interação a partir da proposição de diversas práticas discursivas existentes na sociedade; descrever e analisar, em termos discursivos, a dinâmica interacional do grupo; trabalhar o funcionamento da linguagem dos *sujeitos-gagos*; possibilitar a interação entre as famílias dos *sujeitos-gagos* do grupo; escutar a família; construir um banco de dados para pesquisas ulteriores e desenvolver atividades de pesquisa em conjunto com a graduação e pós-graduação, em forma de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), IC (Iniciação Científica) e (Dissertações de mestrado e Teses de doutorado).

No GEAG, a questão da alta está bem atrelada à abordagem proposta por Friedman e Passos (2007), ou seja, não cabe ao terapeuta determinar o momento da alta do participante do grupo. Mas apontar a interpretação dos sinais oferecidos pelo participante, que deve falar sobre seu sofrimento e a relação que isso possa ter com sua perma-

2. Subdividido em grupos de: *crianças, família* dessas crianças; *adolescentes* (de 12 a 16 anos) e o de *adultos* (a partir de 18 anos), com reuniões semanais, todas as quartas-feiras, onde das 17.30h às 18.30h ocorrem sessões com as crianças e adolescentes e, em seguida, 18.30h às 20.00h, com adultos no laboratório de Práticas de linguagem. A cada quinze dias, também são realizadas reuniões com as famílias das crianças.

nência no grupo. Com isso, os sujeitos são, desde o começo do processo, convidados a assumirem sua alta. Cabe-lhes, portanto, trazer para o grupo, quando for o caso, a intenção de deixar de frequentá-lo, a pretensão ou não de retornar e seus motivos para tal. As estudiosas, ainda, reafirmam que sair do grupo em caso de pessoas que voltam, nem sempre é uma decisão de alta (Friedman; Passos, 2007; Azevedo, 2015; 2018a).

A concepção de memória discursiva e/ou interdiscurso (memória social): designações teóricas

No contexto discursivo, entre as várias concepções da AD, nos deparamos com memória, termo esse que, conforme Indursky (2011, p. 68), “sempre esteve presente no quadro da teoria da AD, muito embora, nos textos fundadores, esta nomeação ainda não tivesse tido lugar”. Nesse âmbito, “pensava-se sobre memória, mas sob outras designações, como por exemplo, repetição, pré-construído, discurso transversal, interdiscurso”. Nesse sentido, todas essas noções remetem, de uma forma ou de outra, à memória do dizer, quer dizer, “trata-se de diferentes funcionamentos discursivos através dos quais a memória se materializa no discurso” (Indursky, 2011, p.68). Assim sendo, entendemos, que entre os mencionados conceitos, memória discursiva e interdiscurso, por exemplo, aparecem como sinônimos e chegam a ser utilizados indistintamente (Pêcheux, 1988; 2010; Orlandi, 2013).

De maneira que, como constitutivo do discurso, temos o interdiscurso, definido como aquele que delimita o conjunto do dizível, histórica e linguisticamente, determinando a FD com a qual o sujeito discursivamente se identifica (Pêcheux, 1988). Não raro, o funcionamento da ideologia tem como foco principal, a interpelação dos indi-

víduos em sujeitos de seu discurso. Na prática, realiza-se “através do interdiscurso e fornece a cada sujeito sua realidade enquanto sistema de evidências e significações percebidas – aceitas – experimentadas” (Pêcheux, 1988, p. 163). Portanto, o interdiscurso consiste na ressignificação do sujeito sobre o já dito³, o que remete ao intradiscurso, que é uma imposição da realidade do sujeito, um efeito do interdiscurso sobre si. Dentro da FD, o interdiscurso, aparece como “o conjunto das formações discursivas que trabalha com o repetível, com a ressignificação do sujeito sobre o já dito” (Leandro Ferreira, 2001, p. 18).

Nesse espaço, o processo histórico é base tanto da Formação discursiva (FD) como da ideologia. Em vista disso, entendemos que “há efeitos de sentidos entre locutores”. Tais efeitos resultam da relação de sujeitos que participam do discurso, dentro de certas circunstâncias e afetados pelas suas memórias discursivas (Orlandi, 2015, p. 14). Nessa conjuntura, constatamos que em AD, “o discurso é concebido como uma prática, e, como toda prática, constituído pela ideologia, que o entranha” (Orlandi, 1998b, p. 10). Em meio a essa dada conjuntura sócio-histórico, ideológica, “a memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso” (Orlandi, 2013, p. 29). Portanto, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso.

Notamos que há sempre outros dizeres, reconstruídos/elaborados pelos sujeitos em seus discursos (aquilo que se encontra na base do dizível). Disso, os ressignificamos em nossas palavras e podemos deduzir que há uma relação entre o já-dito e o que estamos dizendo. Diante das formulações apresentadas, constatamos que sim, ora memória

3. O fato de que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para compreendermos o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia (ORLANDI, 2013).

discursiva (ou do dizer) e interdiscurso nos parecem sinônimos. Mas, quando Indursky (2011) explica e esclarece-nos que há diferenças importantes entre as duas noções, passamos a entender que:

A memória discursiva é regionalizada, circunscrita ao que pode ser dito em uma FD e, por essa razão, é esburacada lacunar. Já o interdiscurso abarca a memória discursiva referente ao complexo de todas as FD. Em outras palavras, a memória que o interdiscurso compreende é uma memória ampla, totalizante e, por conseguinte, saturada (Indursky, 2011, p. 87-88).

À vista disso, percebemos que enquanto o interdiscurso aparece como o conjunto total de sentidos, de todos os dizeres, não as formulações exatamente como são ditas, mas os sentidos, possíveis e imagináveis, que estão presentes nesse espaço discursivo. Por sua vez, a memória do dizer, seria um recorte de cada/determinada FD deste interdiscurso, quer dizer, aquilo que vamos constituir. Na prática, por conseguinte, tal memória seria o recorte de elementos, de saberes, de sentidos do interdiscurso que vão caracterizar uma FD. Entretanto, “tanto memória discursiva como interdiscurso dizem respeito à memória social, *mas não se confundem*” (Indursky, 2011, p. 87-88, grifo nosso).

Gagueira sob a perspectiva discursiva: uma relação direta com as condições de produção do discurso (CP) dos sujeitos

A temática da gagueira engendra polêmicas entre diferentes públicos, e ao longo da história, vêm ganhando sentido na sociedade e seus respectivos contextos. Nessa conjuntura discursiva, Azevedo (2019a), afirma, com dados atuais do IBGE, que este número supera a população das cidades do Rio de Janeiro e Brasília juntas. Com isso, conclui

que a prevalência da gagueira é de 1% na população. Sendo assim, cerca de 2 milhões e 100 mil brasileiros gaguejam de forma crônica. Portanto, este número é maior do que a população de Curitiba, Recife ou Porto Alegre. De certo, na vasta literatura fonoaudiológica, há grupos que pesquisam a origem da gagueira na Neurologia, Genética e Psicologia Social, porém, não será este o foco do nosso trabalho.

A perspectiva discursiva na relação com a gagueira foi idealizada por Azevedo (2000; 2006) e desenvolvida por outros pesquisadores (Petrusk, 2013; Cavalcanti, 2016; Silva, 2016; 2021). Tratando-se, portanto, de um distúrbio da ordem do discurso, apresentando uma relação direta com os interlocutores, suas formações imaginárias (Fim), atreladas às condições de produção (CP), em suas relações de força, sentido e antecipação, com atuação de fatores biopsicossociais. Sendo assim, constituem, então, a FD de sujeitos-gagos e posição discursiva de sujeitos-gagos, produzida tendo em vista as supracitadas relações e, como efeitos, temos a materialização de pausas, bloqueios, hesitações e/ou prolongamentos.

Diante disso, por consequência, o *sujeito-gago* falará de uma forma ou de outra, dependendo do efeito que possa produzir em seu ouvinte. Constatamos, então, que os *sujeitos-gagos* para Azevedo (2013, p. 147) são aqueles “que apresentam, de antemão, a *certeza da gagueira* e que, antes mesmo de falarem, já estão certos de que a palavra será repetida, bloqueada, prolongada”. Pensar o *sujeito-gago* é refletir sobre uma proposta terapêutica que o tire deste lugar e o insira em outra situação de integração social: a de sujeito-fluente, considerando a fluência como relativa, porque não há fluência linear e é sempre relativa, tendo hesitações e repetições. Vale salientar que a gagueira é marcada pela previsão do *erro iminente*. Há uma *certeza a priori* deste *erro* e

é a partir da possibilidade de errar que o *sujeito-gago* opta por tentar evitá-lo ou adiá-lo (Azevedo, 2000; 2006; 2013; 2018a, grifos nossos).

Nessas condições, Friedman (2018c, s/p), explica que a gagueira se refere a momentos nos quais um falante sabe o que quer dizer, que palavras usar. Mas sente vergonha, medo, falta de confiança em sua capacidade de pronunciá-las fluentemente, apresentando características como: interrupções tensas do fluxo da fala ou travas, interposição de sons ou palavras desnecessários, repetições do já dito (Friedman, 2014). Com isso, disfluência e gagueira são duas condições de fala bem diferentes. No uso atípico da linguagem, naquilo que poderíamos chamar de gagueira, há uma cobrança social no sentido de que devemos mostrar uma suposta fluência absoluta/ideal, sem deslizos, pausas e/ou hesitações.

Nas palavras de Scarpa (2007), “a mesma língua ou as relações do sujeito com a mesma língua que gera(m) a fluência, a gramática, gera(m) também a disfluência, o lapso”, mas não provocam o mesmo efeito em um – efeito de fala gaga - e em outro – efeito de fala não gaga (Scarpa, 2007 p. 178). Nesse sentido, quando consideramos a gagueira pelo caminho discursivo, pode-se vê-la, “como um *distúrbio multidimensional* com atuação de *fatores biopsicossociais*”, pois temos um sujeito advindo do meio social, cujos momentos de gagueira estão vinculados a tais fatores (Azevedo, 2019a, p. 119, grifos nossos). Acerca disso, Petrusky (2013, p.15) afirma que um distúrbio “trata-se de uma interrupção de uma continuidade (da fala), assim, o sujeito que gagueja é fluente e apresenta momentos de gagueira e não o inverso” (Petrusky, 2013, p. 15).

Percurso metodológico: o passo a passo da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida no Laboratório de Práticas de Linguagem do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco (PPGCL-UNICAP), 7º andar, Bloco G4, sala C3-D7. Nesse espaço, está circunscrito o Grupo de Estudos e Atendimento à Gagueira (GEAG), que atende aos sujeitos/participantes. Para este artigo, utilizamos dados de dois [02] participantes da pesquisa: o primeiro sujeito, coletamos entre agosto de 2014 a dezembro de 2017. Já o segundo, realizamos entre agosto de 2016 a dezembro de 2017. Para isso, contamos com a atuação dos pesquisadores (coordenadora do grupo, segunda autora e do primeiro autor, à época, doutorando em Ciências da Linguagem), bolsistas da graduação em Fonoaudiologia e de alunos voluntários. Nesse contexto, realizamos uma pesquisa qualitativa, porque “observa o fato no meio natural [...], defendendo uma visão holística dos fenômenos, isto é, que leve em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas” (André, 2008, p. 17). Atrelado a isso, um estudo longitudinal (prospectivo e/ou retrospectivo), propiciando uma sequência temporal para estudar um processo ao longo do tempo, investigando mudanças (Hochman *et al*, 2005).

Esclarecemos que a pesquisa faz parte de um projeto maior da segunda autora (à época, orientadora de doutorado), intitulado: *Aquisição e distúrbios de Linguagem sob a ótica linguístico-discursiva*, submetido e aprovado sua execução pelo CEP/UNICAP, de acordo com o Parecer Nº: 2.926.024 – CAAE: 94030818.2.0000.5206. Ressaltamos, que os já “citados” participantes desse trabalho, uma moça de 45 anos e um rapaz de 22 anos, foram selecionados mediante contato

prévio, atendendo aos critérios abaixo, em que deveriam: a) participar das sessões do GEAG, que ocorre semanalmente às quartas-feiras, das 18h30 às 20h; b) ser de faixa etária acima de 18 anos e c) aceitar livremente a participação na pesquisa e assinar o termo de livre consentimento e aceitação (TCLE).

Diante disso, após coleta de dados no grupo de extensão/apoio, procedemos com transcrições das falas dos sujeitos e fizemos o registro textual escrito/digitalizado (*corpus* empírico), com posterior análise do discurso dos participantes. Constatamos, assim, que é através do trabalho do analista de remeter-se ao texto, que temos acesso ao discurso, pois esse faz referência a determinadas formações discursivas. À vista disso, “a AD não está interessada no texto em si como objeto final da sua explicação, mas como unidade que lhe permite ter acesso ao discurso” (Orlandi, 2013, p.72). A partir desse *corpus*, procedemos com a composição dos recortes discursivos, “fragmento correlacionado de linguagem – e – situação de interlocução (...), que é o da ideologia”. Em síntese, a análise foi realizada metodologicamente, a partir dessa noção, “não como informação, mas como unidade discursiva, conceito que acolhe o processo de interação e relação com o mundo pela e na linguagem” (Orlandi, 2011, p. 138-140). Tais questões já são uma marca de interpretação e, ao analista, é impossível analisá-lo à distância (Pêcheux, 1994).

A seguir, trataremos de analisar o *corpus* do trabalho, composto por sequência discursiva, organizando o conjunto dos recortes discursivos, que estão expostos na tabela, apresentando os sujeitos da pesquisa investigados (**Antônio e Beatriz**), que, por questões éticas, receberam tais nomes fictícios, respeitando, com isso, a privacidade desses participantes. Já os pesquisadores (**P**) e os números complementares, a tais sujeitos, são os segmentos discursivos, isto é, cada momento de fala

dos sujeitos/participantes, **marcados em negrito**, o que nos parece mais evidente. Por fim, ainda quanto às considerações éticas, como já afirmado, utilizamos nesta pesquisa/estudo, o TCLE. Para tanto, toda leitura precisa de um instrumento teórico-metodológico para que se efetue, e à luz da AD, pudemos constituir o *corpus* discursivo que nos levou à eleição do recorte discursivo da pesquisa e posterior análise com base nos procedimentos do próprio artefato teórico-metodológico (Orlandi, 1996). Dessa maneira, trataremos, agora, de identificar elementos da memória do dizer nos processos discursivos dos sujeitos em grupo.

SEQUÊNCIA DISCURSIVA
Grupo de Extensão/Apoio: GEAG UNICAP
P. Se eu for falar, eu vou gaguejar, então, eu tenho que resumir o que eu tenho pra dizer, falar poucas palavras, me expor menos. E isso é pior, porque eu vou alimentando aquela imagem de incapacidade, de que eu sou um mal falante [...] Você já fez parte do grupo?
Antônio 1. Meu nome é Antônio. Eu mesmo, quando eu era mais pequeno, a minha mãe era pra levar eu pra me tratar, né? [...]. No meu período todinho quando eu era pequeno eu gaguejava muito. Ela dava carão em eu quando eu era mais novinho. Até uns 15, 16 anos [...].
Antônio 2. [...] Aí, com minha mãe, meus tios, primos, aí eu respiro fundo, [...], porque eles sabe que eu sou isso. Aí, é bom porque eles não ri de mim, não zomba, porque eles sabe da minha dificuldade que eu tenho de falar. Na verdade, já foi mais pior na minha casa, minha mãe mandava eu fazer isso e não saia, aí ela: calma, Antônio, respire, repita de novo.
Antônio 3. [...] Eu quero me curar, quero ficar bom, tenho vergonha de ser gago. Quero ficar bem mesmo, assim, falando fluente ou gaguejando [...].

Antônio 4. [...], vocês viam, né, **como eu cheguei aqui gago? Pra baixo, cabeça baixa e realmente não falava nada.** E já faz sete meses, né, que eu vim pra cá, né, [...]. **Antes mesmo quando me chamavam de gaguinho, isso é muito chato.** Uma vez mesmo um menino me chamou assim, minha mãe disse: vá lá agora e diga que seu nome é Antônio.

P. A gente queria que vocês se apresentassem [...] Não estabelecemos uma ordem [...] O grupo é um espaço de significação e de ressignificação. Uma pena que algumas pessoas não saibam valorizar a importância da frequência.

Beatriz 1. Eu, eu assim, eu, eu não conhecia, o grupo, aí, [...] eu to numa nova faculdade, em uma nova pós-graduação e é justamente na área jurídica, **o que é me exige muito na fala, porque eu me cobro muito [...].** Aí, [...] foi justamente em junho, eu liguei pra cá, falei com você, aí eu disse: **eu quero realmente ficar boa, melhorar, superar isso, ficar boa disso,** né, e assim, espero ser é, bem aceita por todos e espero que seja bom [...].

P. Já está sendo bem aceita!

Beatriz 2. [...] **Eu sou gaga desde muito tempo, desde a adolescência. Já teve épocas que eu fui pra fono e tava há um bom tempo sem mexer nisso, aí, quis procurar melhoras.** [...] Eu já fiz dois cursos de oratória e, aí, eu vou lá na frente, no palco todo espelhado, falar no microfone na frente de todo mundo, **aí eu disse: eu to aqui porque eu sou gaga, e falo, falo e ninguém fica, mas não é gaga, sim, assim, mas eu sou gaga.**

Beatriz 3. Comigo acontece assim: como eu geralmente converso bem com os professores, eu faço perguntas, eu converso bem, então, como tá num período novo, **eles não pegam que eu sou gaga, e eu do meu jeito assim, eu tenho muita expectativa em mim.**

P. O problema é que você tem essa imagem negativa de si mesma [...] Eu gaguejo, mas não tenho essa imagem negativa de mim, eu não me vejo como gago e gaguejo. Precisamos discutir as situações em que você gagueja, porque eu gaguejo, mas não me vejo como gago.

Ao entendermos o interdiscurso como o conjunto total de todos os sentidos, possíveis e imagináveis, traz à tona a memória do dizer social, um recorte de cada/determinada FD, daquele interdiscurso, pois se trata daquilo que constituímos uns dos outros. A partir de tais formulações, entendemos quando o pesquisador, em dada sessão do GEAG,

dia 10 de agosto de 2014, como elementos dessa memória do dizer, ecoa: *“se eu for falar, eu vou gaguejar, então, eu tenho que resumir o que eu tenho pra dizer, falar poucas palavras, me expor menos. E isso é pior, porque eu vou alimentando aquela imagem de incapacidade, de que eu sou um mal falante [...]”*. Com isso, torna-se possível compreendermos que o interdiscurso, enquanto memória social, o puro já dito nas formações discursivas (FD), trabalha com o repetível dos dizeres que são perpetuados pelos sujeitos ao longo dos tempos, uma vez que, a memória discursiva, como salienta Indursky (2011), diz respeito à existência histórica do enunciado no seio de práticas discursivas reguladas pelos aparelhos ideológicos. Isto significa que ela diz respeito aos enunciados que se inscrevem nas FDs, no interior das quais ele recebe seu sentido. Diante disso, ao longo da análise de toda esta sequência discursiva, poderemos constatar a existência histórica de cada dizer, através dos segmentos dos sujeitos em seus respectivos enunciados inscritos, a saber, na FD de *sujeitos-gagos*. Sendo assim, inicialmente, o sujeito **Antônio 1**, revela como um dos elementos da memória discursiva: ***“eu mesmo, quando eu era mais pequeno, a minha mãe era pra levar eu pra me tratar, né? [...]. No meu período todinho quando eu era pequeno eu gaguejava muito. Ela dava carão em eu quando eu era mais novinho. Até uns 15, 16 anos [...]”***. A partir dessa afirmação, partimos do princípio de que, sua mãe ***“dava carão”***, porque ele (o sujeito **Antônio**) inscrevia-se na posição discursiva de *sujeito-gago*, dentro de casa e ela (a mãe), na sua ilusão de fluência perfeita, ideal, não poderia deixar/aceitar que o filho gaguejasse. Dessa maneira, percebemos que, se a memória discursiva se refere aos enunciados que se inscrevem em uma FD, “isto significa que ele diz respeito a todos os sentidos, como é o caso do interdiscurso, mas aos sentidos autorizados pela Forma-Su-

jeito no âmbito de uma FD”. Mas não só a memória discursiva, também diz respeito aos sentidos que devem ser refutados, logo aponta para o que não pode ser dito na referida FD (Indursky, 2011, p.66-67). Ou seja, ao materializar os enunciados, no seio de uma determinada FD, os sentidos poderão ser aceitos ou reprovados pelos sujeitos, via a memória discursiva.

Nesse sentido, no encontro do dia 03 de setembro de 2014, quando o sujeito **Antônio**, assevera no segmento discursivo **2**: “[...] *ai com minha mãe, meus tios, primos, ai eu respiro fundo, [...], porque eles sabe que eu sou isso*. Ai, é bom porque eles não ri de mim, não zomba, porque *eles sabe da minha dificuldade que eu tenho de falar. Na verdade, já foi mais pior na minha casa, minha mãe mandava eu fazer isso e não saia, ai ela: calma, Antônio, respire, repita de novo*”. O sujeito deixa-nos claro mais um elemento de sua memória do dizer, pois, aquilo que foi “ditado” por sua mãe e fixado por ele, tornou-se aceito e repetível ao longo de sua vida, trazendo ressignificação dele sobre o “já dito”. Tal constatação, portanto, determinou a FD de *sujeito-gago* com a qual passou a se inscrever, delimitando a sua identificação (forma-sujeito) no conjunto dos seus dizeres histórica e linguisticamente. Isso pode ser confirmada quando **Antônio 3**, revela no encontro do dia 12 de novembro de 2014: “[...] *Eu quero me curar, quero ficar bom, tenho vergonha de ser gago. Quero ficar bem mesmo, assim, falando fluente ou gaguejando [...]*”.

Ao continuar analisando os discursos, em 18 de fevereiro de 2015, deparamo-nos, ainda, com o sujeito **Antônio**, lembrando e mobilizando elementos de sua memória do dizer no segmento discursivo **4**: “[...] *vocês viam, né, como eu cheguei aqui gago? Pra baixo, cabeça baixa e realmente não falava nada E já faz sete*

meses, né, que eu vim pra cá, né, [...] Antes mesmo quando me chamavam de gaguinho, isso é muito chato. Uma vez mesmo um menino me chamou assim, minha mãe disse: vá lá agora e diga que seu nome é Antônio". Observamos que ele aponta para uma memória social que revela a sua inscrição na FD de *sujeito-gago*, mostrando-o *gago*, silenciado, sendo reconhecido assim pela instância social, que, por desconhecimento e desinformação dissemina dizeres totalmente equivocados em relação à gagueira. Entretanto, através dos dizeres desse sujeito, podemos apontar um processo de mudança de posição discursiva de *sujeito-gago* que culminará mais adiante para a posição discursiva de *sujeito-fluente*. Isso posto, é relevante dizermos que o GEAG tem também o seu papel no desencadear dessa mudança de posição discursiva. Contribuindo, sobremaneira, no sentido de fazer os participantes perceberem, por exemplo, de que todos possuem fluência. Quando, na verdade, o desejo desordenado de não quererem gaguejar, acaba contribuindo para o não entendimento de que fluir e desfluir "*são faces da mesma moeda*" (Scarpa; Fernandes-Svartsman, 2012, p. 01, grifo nosso). Portanto, o grupo, ao longo do tempo, procurou ressignificar à possibilidade de observarem a fluência, valorizando esses momentos. Diante disso, constatamos que estudar a gagueira sob a perceptiva discursiva é não considerá-la como doença, ser *anormal*, mas entender que gaguejar parte do processo natural de linguagem, em sua materialização através de pausas, prolongamentos, bloqueios e/ou hesitações e isso não torna a comunicação menos clara, eficiente.

Participando de uma das sessões em grupo, mais precisamente, 03 de agosto de 2016, circunscrevemos os discursos do sujeito **Beatriz**, materializados através dos segmentos discursivos a seguir, onde, *a priori*, é solicitado que se apresentassem. Nessa ocasião, é explicado que o grupo trata-se de um espaço permeado por significação e de res-

significação. Assim sendo, **Beatriz 1**, argumenta: “eu, eu assim, eu, eu não conhecia, o grupo, aí, [...] eu to numa nova faculdade, em uma nova pós-graduação e é justamente na área jurídica, **o que é me exige muito na fala, porque eu me cobro muito [...]**. Aí, [...] foi justamente em junho, eu liguei pra cá, falei com você, aí eu disse: **eu quero realmente ficar boa, melhorar, superar isso, quero ficar boa disso, né, e assim, espero ser é, bem aceita por todos e espero que seja bom**”. Lembremos que o trabalho do Grupo de Extensão/Apoio é muito válido pela troca de experiências, onde acabamos aprendendo a enfrentar situações que antes achávamos que não conseguiríamos. Nesse espaço, vemos os integrantes enfrentando e percebendo que a gagueira não é limitação para nada. O GEAG, desde a sua fundação, 2007, tem perpetuado discursos que estimulam os sujeitos a enfrentarem e, assim, diminuírem o *peso* que o lugar que a gagueira ocupa na FD de *sujeito-gago*: doença, anormalidade, incapacidade e impossibilidade àqueles que ocupam a posição discursiva de *sujeitos-gagos*. Como o sujeito anterior, tendo os discursos em análise, **Beatriz**, também acredita em dizeres que foram formulados ao longo de sua vida, porque como constitutivo do discurso, temos o interdiscurso, definido como aquele que delimita o conjunto do dizível, histórica e linguisticamente, determinando a FD com a qual o sujeito discursivamente se identifica (Pêcheux, 1988). Toda essa disseminação é fruto do unido de sentidos e dizeres de um interdiscurso que estão presentes nesse espaço discursivo.

Na prática, por consequência, temos a memória social que constrói e recorta de tal FD, aquilo que o interdiscurso vem constituindo, por exemplo, de A em relação a B sobre isto ou aquilo. Em vista disso, a memória social acaba determinando, por exemplo, a identificação (forma-sujeito) na FD de *sujeito-gago* e a sua determinada posição

discursiva de *sujeito-gaga*, instituída pela inculcação de discursos que acreditam em padrões de uma suposta fluência ideal, quer dizer, “já ditos”, que foram “pré-construídos”, fazendo com que o sujeito se cobre e tenha uma exigência maior em termos de fala, acreditando que necessita melhorar, superar a fala gaguejada, sendo elementos da memória do dizer de **Beatriz 2**: “[...] **Eu sou gaga desde muito tempo, desde a adolescência. Já teve épocas que eu fui pra fono e tava** há um bom tempo sem mexer nisso, aí, quis procurar melhoras [...]. *Eu já fiz dois cursos de oratória e, aí, eu vou lá na frente, no palco todo espelhado, falar no microfone na frente de todo mundo, aí eu disse: eu to aqui porque eu sou gaga, e falo, falo e ninguém fica, mas não é gaga, sim, assim, mas eu sou gaga*”. Diante disso, o interdiscurso consiste na ressignificação do sujeito sobre o já dito, o que remete ao intradiscurso, que é uma imposição da realidade do sujeito, um efeito do interdiscurso sobre si. Dentro da FD, o interdiscurso, aparece como “o conjunto das formações discursivas que trabalha com o repetível, com a ressignificação do sujeito sobre o já dito” (Leandro Ferreira, 2001, p. 18).

O Grupo de Extensão/apoio, GEAG UNICAP, em sua essência de dinâmica grupal, lembra-nos o contexto social em suas interações discursivas. Sobretudo, “a configuração do grupo pressupõe que os sujeitos assumam uma posição de interlocutores uns dos outros e, sendo assim, a condição de sujeitos na dinâmica do grupo” (Machado *et al*, 2007, p.63). Dessa forma, percebemos, então, na reunião do dia 14 de setembro de 2016, quando o sujeito **Beatriz**, expõe no segmento discursivo **3**: “*comigo acontece assim: como eu geralmente converso bem com os professores, eu faço perguntas, eu converso bem, então, como tá num período novo, eles não pegam que eu sou gaga, e eu do meu jeito assim, eu tenho muita expectativa em mim*”.

Portanto, ao afirmar que conversa bem com os seus professores, certamente, isso acontece quando o sujeito não se preocupa em mostrar-se plenamente fluente, ou pensar na gagueira, como é sempre colocado nas reuniões em grupo.

Percebemos que a grande questão está ancorada devido a sua inscrição na FD de *sujeito-gago*. Gerando, com isso, sua posição discursiva de *sujeito-gago*, fazendo com que tenha “**muíta expectativa**” em relação à sua fala gaguejada e fique se autocontrolando, ou seja, temos aí, um interdiscurso (memória social), apresentando e disseminando um conjunto de dizeres que cristalizam a gagueira enquanto *erro*, fazendo então, com que o sujeito veja-se como incapaz. Entretanto, como relato de experiência, o próprio pesquisador explica que o problema tem relação com a imagem negativa que tal sujeito tem de si mesmo. Além disso, revela que gagueja, mas não tem essa imagem negativa de si, afirmando, “*eu não me vejo como gago e gaguejo*”, por fim, convida-o para discutir as situações em que **Beatriz** gagueja. Entendemos, assim, então, que o interdiscurso é a instância de formação, repetição e transformação dos elementos de saber de uma FD, em função das posições ideológicas que ela representa em uma conjuntura determinada (Courtine, [1981] (1995)).

Considerações finais

É a partir da inserção/participação nos diversos grupos, a saber: sociais, familiares, religiosos e profissionais que os sujeitos crescem a partir dos diálogos estabelecidos, tendo em vista o processo de interação que os constitui. Na prática, os sujeitos mobilizam dizeres, reverberam discursos e materializam diferentes funcionamentos discursivos em seus respectivos contextos. Tendo em vista, portanto, a memória

social, que é regularização de sentidos. Nesse contexto, os sujeitos são o resultado das discursivizações das formações imaginárias, vinculada às condições de produção em que se encontram circunscritos.

O nosso trabalho, enquanto um recorte da tese de doutorado, aplicou-se em grupo de extensão/apoio. Sabendo que nos estudos da gagueira, existem postulações que veem os sujeitos em sua amplitude, não deixando de considerar a sua linguagem. Portanto, debruçamo-nos em relação ao estudo da gagueira sob a perspectiva discursiva, uma vez que o sujeito, a linguagem, a ideologia, a história e os sentidos devem ser pensados em movimento. Tal constatação, ficou evidente a partir do objetivo deste artigo, a saber: identificar elementos da memória do dizer nos processos discursivos dos sujeitos em grupos. Mostramos, conforme o discurso dos sujeitos (**Antônio e Beatriz**), de que a gagueira seja na infância, adolescência, até a fase adulta foi vista como *erro, doença, incapacidade, anormalidade*, pois a *ideologia do bem falar*, ao interpelar, inicialmente, família e escola, seguiu assujeitando-os. Construindo-se *uma imagem estigmatizante de falante* entre os sujeitos pesquisados. Toda essa disseminação é fruto do unido de sentidos e dizeres de uma memória discursiva e/ou interdiscurso (ambos constituem a memória social) que estão presentes no espaço discursivo.

Revelando assim, a existência histórica e linguística de cada dizer, determinando a posição discursiva de *sujeitos-gagos*. Reverberando como elementos da memória discursiva/do dizer ao longo do tempo: gagueira como doença (**Antônio e Beatriz**). Com isso, a memória do dizer social mobiliza discursos que constituímos uns dos outros, evidenciando-se como resultado de discursivizações das formações imaginárias. Na prática, a memória social construiu e recortou da FD de *sujeito-gago*, aquilo que o interdiscurso ajudou na constituição dos sujeitos sobre isto ou aquilo.

Referências

ANDRÉ, M. E. D. A. *Etnografia da prática escolar*. 15.ed. Campinas, SP: Papirus, 2008.

AZEVEDO, N. P. S. G. *Uma análise discursiva da gagueira*: trajetórias de silenciamento e alienação na língua. Dissertação de Mestrado. (Mestrado em Fonoaudiologia), – PUC-SP, 2000.

AZEVEDO, N. P. S. G. *A gagueira sob a perspectiva linguístico-discursiva*: um olhar sobre a terapia. Tese de doutorado. (Doutorado em Letras e Linguística) UFPB - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

AZEVEDO, N. P. S. G. *Uma análise discursiva de sujeitos com gagueira*. In: Mariani, Bethania; Medeiros, Vanise.(orgs.). Gragoatá (UFF), v. 02, p. 145-166, 2013. Disponível em: <http://www.gragoata.uff.br/index.php/gragoata/article/view/56>. Acesso em: 10 de set. de 2015.

AZEVEDO, N. P. S. G. *Um estudo da gagueira sob a perspectiva discursiva*. Revista Prolíngua; Volume 10 - Número 1 - jan/fev, p. 209-220, 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/view/27599/14838>. Acesso em: 28 de mai. de 2017.

AZEVEDO, N. P. S. G. *Uma análise discursiva de sujeitos com afasia e gagueira*. Revista Linguagem & Ensino (UCPel), v. 21, p. 433-463, 2018a. Disponível em: <http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/view/1672>. Acesso em: 17 de abr. de 2018.

AZEVEDO, N. P. S. G. *Projeto de Extensão do Grupo de Estudos e Atendimento à Gagueira (GEAG)*. Universidade Católica de Pernambuco, 2018b.

AZEVEDO, N. P. S. G. Disfluências. In: FERREIRA, T. *Manual Prático dos Distúrbios da Comunicação Oral no Adulto e Idoso*. Ribeirão Preto, SP: Editora Booktoy, p. 119 a 127, 2019a.

- BECHELLI, L. P. C.; SANTOS, M. A. *O terapeuta na psicoterapia de grupo*. Rev. Latino-am Enfermagem, Ribeirão Preto, v. 13, p.249-54. Mar./abr., 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So104-11692005000200018. Acesso em: 14 de jul. de 2014.
- CAVALCANTI, M. C. G. P. *O trabalho linguístico-discursivo em um grupo de estudos e atendimento à gagueira infantil (GEAGi) com pais de crianças identificadas como gagas*. Dissertação de mestrado (Mestrado em Ciências da Linguagem). Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), 2016.
- COURTINE, J. J. Analyse du discours politique (le discours communiste adresse aux chretiens). In: *Langages* n.62, Paris: Larousse, Juin 1981, p.43 (com Prefácio de Michel Pêcheux; “Análise do discurso político”, tradução de Maria Alice Maciel Alves para pós-graduandos da PUCRS: mimeo, 1995).
- FRIEDMAN, S.; PASSOS, M. C. O grupo terapêutico em fonoaudiologia: uma experiência com pessoas adultas. In: SANTANA, A. P. *Et al* (orgs.) *Abordagens grupais em fonoaudiologia: contextos e aplicações*. São Paulo: Plexus, p.143-153, 2007.
- FRIEDMAN, S. Fluência: um acontecimento complexo. In: DMB. Limongi SCO, editores. *Tratado de fonoaudiologia*. São Paulo: Editora Rocca, 2014.
- FRIEDMAN, S. *A Gagueira e o Mito da Fluência Absoluta*. Disponível em: https://www.gagueiraesubjetividade.info/gagueira_mito_fluencia_absoluta.php. Acesso em: 31 de out. de 2018c.
- HOCHMAN, B. *Et al*. *Desenhos de pesquisa*. Acta Cirúrgica Brasileira - Vol 20 (Supl. 2) 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So102-86502005000800002. Acesso em: 05 de nov. de 2016.
- INDURSKY, F. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, F. *Et al*. (org.). *Memória e história na/da análise do discurso*. Campinas, São Paulo: Mercado de letras, p. 68-88, 2011.

LEANDRO FERREIRA, M. C. *Glossário de termos do discurso*. Análise de discurso, Instituto de letras, UFRGS. Porto alegre, p. 18-21, 2001.

LUCENA, J. A. *Et al.* Atendimento em grupo na fonoaudiologia. In: ARAÚJO, A. N. *Et al* (orgs.). *Questões contemporâneas da clínica fonoaudiológica*. Recife: ed. Universitária da UFPE, p.106 a 124, 2018.

MACHADO, M. L. C. A. *Et al.* A terapêutica grupas na clínica fonoaudiológica voltada à linguagem escrita. In. SANTANA, A. P. *et al.* (orgs). *Abordagens grupais em fonoaudiologia: contextos e aplicações*. São Paulo: Plexus, p. 63, 2007.

ORLANDI, E. P. *Interpretação – autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 18 a106, 1996.

ORLANDI, E. P. *A leitura e os leitores*. Campinas, São Paulo: Pontes, p. 10-75, 1998b.

ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, p. 12 a 245, 2011.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, p. 07 a 90, 2013.

ORLANDI, E. P. Análise de discurso. In: LAGAZZI, S.; ORLANDI, E. P. (orgs.). *Discurso e textualidade*. 3 Ed, Campinas, São Paulo: Pontes Editores, p. 13 a 76, 2015.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni Orlandi, Campinas, SP: Editora da UNICAMP, p. 68 a 214, 1988.

PÊCHEUX, M. “ler o arquivo hoje”. In: ORLANDI, E. P. (org.). *Gestos de leitura, da história no discurso*. Campinas, Ed. Da Unicamp, 1994.

PÊCHEUX, M. O mecanismo do (des) conhecimento ideológico. In: ZIZEK, S. (org.). *Um mapa da ideologia*. Tradução Vera Ribeiro. – Rio de Janeiro: Contraponto, p. 148-150, [1996] 2010.

PETRUSK, L. S. S. *Uma análise linguístico-discursiva de sujeitos que gaguejam participantes de terapia fonoaudiológica em grupo*. Mestrado em Ciências da Linguagem (Dissertação). Recife: UNICAP, 2013.

SCARPA, E. M. (Ainda) sobre o sujeito fluente. In: Lier-de-Vitto, M. F. (Org.). *Sobre a Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem*. São Paulo, Editora da PUC-SP, p. 178, 2007.

SCARPA, E. M.; FERNANDES-SVARTSMAN, F. *A estrutura prosódica das disfluências em português brasileiro*. Cadernos de Estudos Linguísticos - (54.1), Campinas, Jan./Jun. 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636969/4691>. Acesso em: 17 de abr. de 2018.

SILVA, C. S. *A mudança de posição na formação discursiva em sujeitos com gagueira: uma análise discursiva*. Dissertação de mestrado. (Mestrado em Ciências da Linguagem). Universidade Católica de Pernambuco. (UNICAP), 2016.

SILVA, C. S.; AZEVEDO, N. P. S. G. *A mudança de posição na formação discursiva em sujeitos com gagueira: uma análise discursiva*. *Revista a Prolíngua*, Volume 12 - Número 1 - mar/ago de 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/prolingua/article/view/36629/18571>. Acesso em: 26 de set. de 2018.

SILVA, C. S. *“Romper a incabível prisão...”: o processo de mudança de posição discursiva de sujeito-gago para sujeito-fluente*. Tese de doutorado. (Doutorado em Ciências da Linguagem). Universidade Católica de Pernambuco. (UNICAP), 2021.

SILVA, T. L.; RESENDE, G. S. L. *A docência no ensino superior: ensino, pesquisa e extensão*. *Revista FACISA On-line*. Barra do Garças – MT, vol.6, n.2, p. 32- 46, jul. - dez. 2017. Disponível em: <http://periodicos.faculdadecathedral.edu.br/revistafacisa/article/viewFile/219/157>. Acesso em: 15 de jun. de 2019.

SOUZA, A. P. R. *Et al.* *O grupo na fonoaudiologia: origens clínicas e na saúde coletiva*. Revista CEFAC. 2011 Jan-Fev; 13(1):140-151. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151618462011000100017. Acesso em: 12 de fev. de 2018.

Recebido em: 24/01/2025

Aprovado em: 06/05/2025

Licenciado por

